

Para afastar Lamashtu: Encantamentos, magia e religião na Antiga Mesopotâmia

To ward Off Lamashtu: Incantations, magic, and religion in Ancient
Mesopotamia

*Simone Silva da Silva*¹

¹ Mestra em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em História. E-mail: simonesilvadasilval@yahoo.com.br Professora docente de história na rede municipal de Campo Bom – RS.

RESUMO

O presente artigo analisa as representações do feminino no universo mágico-religioso da antiga Mesopotâmia a partir das figuras de Lamashtu e Gula. Enquanto Lamashtu é uma figura associada ao caos, à doença e à morte, especialmente de recém-nascidos, a deusa Gula ocupava a posição central como divindade da cura e da ordem. A partir da análise de fontes textuais — com destaque para a literatura acadiana — e da cultura material, com a análise placas e iconografia encontrada na Mesopotâmia, o estudo busca compreender como essas entidades expressam a ambivalência do feminino no sagrado, com ênfase nas práticas de encantamento e proteção. Argumenta-se que tais figuras refletem ansiedades sociais relacionadas à maternidade, à doença e à vulnerabilidade da vida, ao mesmo tempo em que evidenciam a presença e protagonismo do feminino nos sistemas religiosos da Antiga Mesopotâmia.

PALAVRAS-CHAVE: feminino; Mesopotâmia; magia; religião; cura.

ABSTRACT

This article examines representations of the feminine within the magico-religious universe of ancient Mesopotamia through the figures of Lamashtu and Gula. While Lamashtu is associated with chaos, disease, and death—especially of newborns—the goddess Gula occupies a central position as a deity of healing and order. Drawing on textual sources, with particular emphasis on Akkadian literature, as well as material culture through the analysis of plaques and iconography found in Mesopotamia, this study seeks to understand how these entities express the ambivalence of the feminine in the sacred sphere, with an emphasis on practices of incantation and protection. It is argued that such figures reflect social anxieties related to motherhood, illness, and the vulnerability of life, while simultaneously highlighting the presence and agency of the feminine in the religious systems of ancient Mesopotamia.

KEYWORDS: feminine; Mesopotamia; magic; religion; healing.

O feminino como categoria de analítica e religiosa

A presença do feminino nas religiões da antiga Mesopotâmia não pode ser reduzida a um conjunto de atributos associados à fertilidade ou à maternidade. Ao contrário, trata-se de uma categoria estruturante que atravessa as representações do sagrado, articulando dimensões simbólicas, sociais e corporais. Nesse sentido, a análise do feminino demanda uma abordagem que o compreenda como construção histórica e relacional, conforme propõe Joan Scott ao definir o gênero como uma categoria útil de análise histórica.

Tal perspectiva permite observar que o feminino, na Mesopotâmia, operava como linguagem simbólica capaz de expressar tanto a ordem, quanto a ruptura. A vasta cultura material e a longa tradição textual evidenciam que essas representações não eram meramente descritivas, mas dotadas de eficácia no mundo social. Conforme Simone Silva da Silva (2011, p. 27) A religião é uma prática que acompanha a humanidade, desde as épocas primitivas até os dias atuais. Para os povos mesopotâmicos, os deuses, deusas, demônios e monstros interferiam continuamente na sociedade e estabeleciam relações entre homem e o divino, legitimando regimes políticos, a guerra, e as ações executadas pelos soberanos e pelas pessoas da Antiga Mesopotâmia. Ainda neste contexto Katia Pozzer afirma que o sistema religioso traduzia as representações coletivas do sagrado. (BOTTÉRO & KRAMER apud POZZER, 2008, p. 175).

Se por um lado, nós, os assiriólogos encontramos diversidade de fontes textuais e visuais, pois há grande número de fontes como: cânticos, preces, tabletas com ensinamentos mágicos, narrativas mitológicas, conjurações, adivinhações, interpretações de sonhos, observações astrológicas e outros, se distinguem e variam na tentativa do historiador de construir uma história da religião Mesopotâmica de forma homogênea.

Por outro lado, a religião mesopotâmica nos deixou uma série de

evidências textuais e iconográficas como, por exemplo: relevos parietais dos palácios assírios, selos, tabletes e estátuas que permitem juntamente com análise das criações literárias, uma construção de parte da estrutura religiosa vigente em determinados períodos da História da Mesopotâmia. (SILVA, S. 2011, p.27)

Essa concepção da diversidade de fontes é fundamental para compreender a multiplicidade de interpretações e análises que podem resultar da atuação de entidades como Lamashtu e Gula, cujas funções ultrapassam o plano mitológico e se inserem diretamente na experiência cotidiana das pessoas da Antiga Mesopotâmia.

Lamashtu e a construção do feminino como alteridade

A figura de Lamashtu ocupa um lugar singular no imaginário mesopotâmico ao encarnar uma forma de alteridade radical. Diferentemente de outros seres demoníacos², sua autonomia a distancia da lógica hierárquica divina, tornando-a uma força independente e imprevisível. Sua atuação incide sobre os corpos mais vulneráveis — mulheres grávidas e recém-nascidas — evidenciando uma profunda associação entre o feminino e os espaços de risco social. Como indicam os textos acadianos reunidos por Benjamin R. Foster: “a doença era frequentemente atribuída à ação de forças demoníacas, responsáveis por causar sofrimento físico e mental”. Nesse contexto, Lamashtu não

² No contexto da Antiga Mesopotâmia, o termo “*demônio*” não era utilizado, este uso, é uma concepção moderna, Os demônios, e aqui em nosso caso, temos uma dessas entidades, que é feminina, seguem o sentido grego *daimōn*, que pode ser classificado como um ser sobrenatural ou espírito. O termo acadiano mais utilizado para denominar estas entidades era: *rābišu*. (Assyrian English - Assyrian Dictionary, 2007, p. 91), este termo poderia se referir tanto a um demônio bom, quanto a um mau. E em encantamento do período neoassírio, lemos: “Saia daqui, *rābišu* maligno! Entre, bom *rābišu*!” Na iconografia da Antiga Mesopotâmia, o termo é atribuído a criaturas eretas, por vezes monstros, que combinam características de animais de quatro patas. Demônios raramente aparecem em textos mitológicos, a maioria é mencionada em textos de encantamentos mágicos. (Green, A; Black, J. 2011, p. 63)

representa apenas o mal, mas a materialização de ansiedades coletivas relacionadas à mortalidade, à fragilidade do corpo e à instabilidade da vida. Sua iconografia híbrida — combinando traços humanos e animais — reforça essa posição liminar. Conforme analisado por Jeremy Black e Anthony Green, seres híbridos na Mesopotâmia indicam entidades que transitam entre categorias ontológicas, desestabilizando fronteiras entre humano, animal e divino. (2011, p.63)

Para Jeremy Black e Anthony Green em sua obra intitulada: *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia* c ao criar um verbete sobre Lamashtu, os autores mencionam que essa entidade, recebe como identificação a moderna palavra para “demônia” ou seja, Lamashtu é uma entidade, que não é uma deusa, porém possui poderes sobrenaturais e intervêm de forma negativa na vida das pessoas.

Nos textos cuneiformes, tanto na Assíria, quanto na Babilônia, ela por vezes é considerada como uma deusa. Nos textos mitológicos mesopotâmicos, é associada como filha de An (divindade do céu)³, e estava uma categoria acima dos demônios maus, justamente porque, Lamashtu, praticava o mal por iniciativa própria, não obedecendo às ordens dos deuses e deusas do panteão Mesopotâmico. Diferentes fontes textuais mencionam que ela se alimentava de fetos, era a causadora de abortos, mortes no berço e inclusive de mulheres durante e no pós-parto. Lamashtu entrava nas casas de mulheres grávidas, e poderia tocar o ventre da mulher para matar os fetos, ou então poderia raptar a criança de sua ama de leite.

Existe uma série de encantamentos mágicos que eram proferidos e utilizados contra Lamashtu, e incluíam o uso por parte da mulher grávida, de uma placa de bronze, ou vidro, algumas possuíam uma cabeça de bronze do

³ An ou Anu, é o deus do céu, em sumério, chamava-se An, que é a palavra para o céu. Na mitologia mesopotâmica foi o organizador na criação e é o líder supremo dos deuses. (Green, A; Black, J. 2011, p. 30)

Pazuzu⁴, entidade demoníaca que tinha dentre os seus atributos, espantar e afastar Lamashtu.



Informações do objeto no site do Metropolitan Museum: Amuleto com o demônio Lamashtu. Possivelmente do I milênio aec. Pertence geograficamente à Mesopotâmia, Material: Obsidiana, Dimensões: 5,7 cm x 4,7 cm x 0,9 cm, Aquisição: Doação de James N. Spear em 1984, número de objeto: 1984.348, e pertence ao departamento de Ancient West Asian Art. Acesso: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/326961>



⁴ Pazuzu é uma entidade demoníaca muito presente na iconografia e na produção textual do I milênio aec na Assíria e Babilônia. Na iconografia aparece com olhos arregalados, tem semelhança com um cão, corpo escamoso, um pênis com cabeça de serpente, garras de aves e asas. Pode ter um aspecto maligno, porém poderia desempenhar um papel de entidade protetora, como evidenciado na cultura material, em amuletos protetores utilizados para espantar Lamashtu. (Green, A; Black, J. 2011, p. 147-148)

No exemplo acima, temos uma placa esculpida, um exemplo de cultura material, fonte iconográfica e textual. Este objeto, hoje encontra-se como parte da coleção do *The Metropolitan Museum*. A peça analisada consiste em uma placa de obsidiana — vidro natural de origem vulcânica — finamente trabalhada por meio da técnica de entalhe, na qual a imagem é talhada em superfície plana, formando uma representação em negativo. Apesar de apresentar danos na borda superior, os vestígios indicam que o objeto possuía um elemento saliente, provavelmente perfurado, sugerindo seu uso como amuleto pendente no corpo. A iconografia e a inscrição associadas remetem à figura de Lamashtu, demônia mesopotâmica. De acordo com a tradição mítica, Lamashtu teria sido expulsa dos céus após manifestar o desejo de alimentar-se da carne de bebês humanos, passando então a vagar pela Terra, onde atacava especialmente gestantes e recém-nascidos, sendo associada à doença, à morte e ao perigo infantil.

Na representação iconográfica deste objeto, Lamashtu apresenta corpo humano de aspecto musculoso, com traços enfatizados por incisões paralelas, e cabeça híbrida com características de leão ou grifo, exibindo boca aberta em atitude ameaçadora. Seus membros superiores terminam em garras leoninas erguidas, enquanto os pés assumem a forma de garras de ave de rapina, reforçando seu caráter monstruoso. Elementos iconográficos adicionais incluem a presença de animais e objetos dispostos ao redor da figura, interpretados como oferendas destinadas a apaziguá-la. Entre esses objetos destacam-se utensílios associados ao universo feminino — como pente, fuso e alfinete — além de um possível membro animal, sugerindo oferta alimentar. Há ainda um elemento em forma de flecha cuja função permanece incerta, podendo representar um instrumento simbólico de proteção contra a própria entidade. Circundando a imagem, encontra-se uma inscrição em língua acádica, registrada em escrita cuneiforme, cuja função é apotropaica. O texto, semelhante ao de outros exemplares conhecidos, dirige-se a Lamashtu em termos reverenciais e

invoca diversas divindades com o objetivo de contê-la ou expulsá-la, evidenciando o uso ritual do objeto como meio de proteção. Mais de sessenta amuletos desse tipo foram identificados, em sua maioria datados do início do primeiro milênio a.C., variando em material e estilo. Frequentemente, tais artefatos também incluem a figura de Pazuzu, entidade demoníaca invocada precisamente para afastar Lamashtu, o que reforça a complexidade das práticas mágico-religiosas mesopotâmicas voltadas à proteção contra forças malignas.

Também eram realizadas oferendas como broches e amuletos para afastá-la, na cultura material, existem alguns exemplares das chamadas: As placas de Lamashtu, como evidenciamos acima, que possuíam a função de amuletos protetores, feitas em metal, geralmente, de cobre ou bronze, ou esculpidas em pedra. Lamashtu, na cultura material visual, geralmente é representada sem roupas, por vezes a composição cênica iconográfica, mostra Lamashtu sendo forçada a voltar ao submundo por Pazuzu. Nessas placas, existem por vezes, figuras femininas e masculinas acamadas, reforçando a idéia de que Lamashtu era responsável por acometer as pessoas de doenças, febres e dores de cabeça.

Em suas representações iconográficas que são bem recorrentes em placas de metal, tabletas cuneiformes, selos cilíndricos e relevos, geralmente Lamashtu é apresentada como possuindo a cabeça de um leão, dentes de jumento, seios nus, corpo peludo, mãos manchadas (de sangue), dedos e unhas longos, e com pés com garras de aves, ou seja, um ser Zoomórfico, já que as figuras zoomórficas e antropozoomórficas eram bem comuns na iconografia da Antiga Mesopotâmia, principalmente na iconografia religiosa. Lamashtu também pode ser representada com orelhas eretas, que se assemelham à jumentos, por vezes, também aparece com um leitão e um filhote que mamam em seus seios, em alguns casos, segura uma serpente nas mãos, pode haver em seu em torno, jumentos, porcos e pode estar em seu barco no qual navega ao longo do rio que

a leva ao submundo. Além do exemplo acima do Metropolitan Museum, existem exemplares de placas no British Museum e no Louvre.⁵

Abaixo realizaremos a análise e a tradução do inglês de uma evidência textual traduzida na obra: *Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature* de Benjamin R. Foster (2005, p. 981)

Neste encantamento, profere-se palavras de despedidas contra Lamashtu:

(a) “Traga-me seus filhos”

Ela é furiosa, ela é

feroz, ela é estranha,

ela tem um aspecto terrível, e é uma loba,

a filha de Anu!

Seus pés são como os de Anzu, suas mãos são impuras,
o rosto de um leão furioso é o seu rosto.

Ela veio do leito de juncos, com o cabelo desalinhado,
seu pano de cintura rasgado.

Ela segue os rastros do gado, ela segue os rastros das
ovelhas,

suas mãos estão ensanguentadas com carne e sangue.

Ela entra pela janela, deslizando como uma serpente,
ela entra numa casa, sai de uma casa (à vontade).

“Traga-me seus filhos, para que eu possa amamentá-los,
e suas filhas, para que eu possa criá-las.

Deixe-me colocar meu seio na boca de suas filhas!”

Ea, seu pai, a ouviu:

“Ó filha de Anu, em vez de tentares ser a ama da
humanidade, em vez de tuas mãos estarem cobertas de
carne e sangue, em vez de entrares numa casa e saíres dela
(à vontade),

Aceita do mercador viajante um manto e provisões,
aceita do ferreiro braceletes que adornem tuas mãos e pés,
aceita do joalheiro um brinco que enfeite tuas orelhas,
aceita do lapidador uma cornalina que adorne teu
pescoço, aceita do carpinteiro um pente, uma roca e um
alfinete de vestimenta.”

Eu te conjuro por Anu, teu pai, Antu, tua mãe, eu te

⁵ https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1925-0715-1 ; (Museu Britânico)
<https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010120479> (Museu do Louvre)

conjuro por Ea, que criou o teu nome!⁶

Neste encantamento, podemos perceber uma característica dos textos apotropaicos mesopotâmicos, ele descreve narrativamente Lamashtu, elenca suas características físicas, e suas práticas, evidencia-se uma marca de repetição, muito comum neste tipo de texto, ao descrever as substituições simbólicas que deveriam ser oferecidas à entidade, ele nomeia, conjura e redirigida Lamashtu no mundo espiritual e também simbólico, evidenciando a crença mesopotâmica de que a agência religiosa interferia também na vida cotidiana.

Gula e o feminino como saber e ordem

Em contraste com Lamashtu, Gula representa o feminino como princípio de restauração e conhecimento. Sua atuação evidencia a existência de um sistema médico-religioso no qual cura e ritual se entrelaçavam.

Na Mesopotâmia, a doença era compreendida como manifestação de desequilíbrios que podia envolver tanto causas naturais quanto sobrenaturais. Dessa forma, médicos e exorcistas atuavam conjuntamente, mobilizando saberes distintos, mas complementares. Esse modelo revela uma epistemologia na qual o feminino ocupa posição central como mediador entre o corpo e o sagrado.

Gula, portanto, não é apenas uma deusa curadora, mas uma figura que legitima práticas de conhecimento, conferindo autoridade a um campo que articula linguagem, técnica e ritual.

Para Jeremy Black e Anthony Green em sua obra intitulada:
Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia (2011,

⁶ Tradução livre da autora.

p.101) em seu verbete sobre a deusa Gula, afirmam que: seu nome significava, grande, seu aspecto principal era a cura, a deusa compreendia as doenças, era patrona dos médicos. Também poderia ser cultuada com os nomes de Nintinuga, Ninkarrak, e Meme. Seu principal santuário era E-gal-mah, em Isin, e possuía templos em Nippur, Borsippa e Assur (Atuais localidades modernas de: Nuffar, Birs Nimrud, Qal'at Sherqat). Por vezes aparece como esposa de Ninurta⁷ (divindade ligada à fertilidade), ou de Pabilsag, ou ainda um deus menor da vegetação, Abu. Gula era mãe do deus da cura Damu e do deus Ninazu, também da cura. Seu animal sagrado era o cão, e arqueologicamente, são encontrados modelos de cães que eram dedicados à ela. Na iconografia encontrada em kudurrus, a deusa Gula aparece como uma figura feminina sentada usa um toucado com faixas longas na cabeça e ao seu lado aparece um cão.

No período Neo-Assírio (911 - 609 aec) e Neo-babilônico (626 - 539 aec) figuras de cães eram usadas como figuras com propriedades mágicas e protetivas, e frequentemente eram colocadas sobre a fundação de palácios e portões de entrada.

Magia, corpo e eficácia simbólica

A análise das práticas mágicas permite aprofundar a compreensão desse sistema. Os textos acadianos indicam que encantamentos, amuletos e rituais eram utilizados como formas de intervenção direta na realidade.

Nesse sentido, a magia não deve ser compreendida como superstição, mas como uma tecnologia simbólica. Pozzer argumenta que os objetos mesopotâmicos possuíam função operativa, atuando no mundo por meio de sua carga simbólica. A magia estava plenamente integrada na vida cotidiana na antiga Mesopotâmia, pois poderia ser usada para se proteger contra os demônios, para curar doenças (dimîtu, em acádico), desfazer o efeito nocivo de alguma infração, aumentar a potência sexual, conquistar a

⁷ Essa divindade era filho de Elil, sua esposa é Gula, também é associado com características guerreiras, em kudurrus (estelas religiosas) do período neoassírio, um arado é associado como seu símbolo iconográfico, outro símbolo associado à essa divindade é um pássaro pousado. (Black, J; Green, A., 2011, p. 142 - 143)

paixão de alguém, acalmar o choro das crianças, impedir os malefícios oriundos das atividades de feiticeiros hostis, além de muitas outras funções. Os textos que chegaram até nós são encantamentos e fórmulas mágicas em sumério, acádico e algumas outras línguas como o elamita ou o hurrita, descrevendo os rituais endereçados ao mágico, as ações que ele deveria fazer, incluindo a lista dos encantamentos a serem usados para cada caso, o que deveria ser dito pelo mágico ou pelo paciente, e os amuletos contendo excertos de magia. Os encantamentos são ritos orais complementares às operações e gestos mágico-religiosos, realizados para combater o mal que os afligia. Estes textos eram recitados por técnicos em curandeirismo e magia, os exorcistas, *āšipu*, em língua acádica, encarregados também de levar a cabo as ações ritualísticas mágicas que poderiam ser feitas em domicílios privados ou no templo e receitar os ingredientes e os fármacos. (Pozzer, 2024, p. 103)

Essa concepção se manifesta claramente na oposição entre Lamashtu e entidades protetoras, como Pazuzu, cuja imagem era utilizada como amuleto. Trata-se de um sistema baseado no equilíbrio de forças, no qual o feminino desempenha papel central tanto na ameaça quanto na proteção.

Feminino, poder e ambivalência

A relação entre Lamashtu e Gula evidencia que o feminino na Mesopotâmia não pode ser interpretado de forma binária. Em vez disso, trata-se de uma categoria ambivalente, capaz de expressar simultaneamente destruição e cura, medo e proteção.

Essa ambivalência reflete uma concepção de mundo na qual o sagrado é dinâmico e relacional. O feminino, nesse contexto, não ocupa uma posição marginal, mas constitui um eixo fundamental na organização simbólica da realidade.

Ao mesmo tempo, essa multiplicidade de representações permite problematizar leituras que associam o feminino exclusivamente ao cuidado ou à passividade. As fontes mesopotâmicas indicam, ao contrário, uma presença ativa e determinante do feminino nas práticas religiosas e na construção do imaginário social.

Considerações finais

A investigação das figuras de Lamashtu e Gula permite compreender o feminino na Mesopotâmia como uma categoria complexa, marcada pela ambivalência e pela centralidade no campo religioso.

Ao articular forças de destruição e cura, essas entidades revelam um sistema simbólico no qual o feminino desempenha papel estruturante. Longe de ser secundário, ele constitui uma dimensão fundamental para a compreensão das práticas mágicas, médicas e religiosas do mundo antigo.

Essa perspectiva contribui para o debate proposto por este dossiê ao evidenciar que o feminino, na Antiguidade, não apenas ocupava espaços de poder, mas também estruturava as formas de pensar e experimentar o sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony. **Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia**. London: British Museum Press, 2011.

DIAS, Carolina Kesser Barcellos; SILVA, Semíramis Corsi; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (orgs.). **Experiências religiosas no mundo antigo**. Curitiba: Editora Prismas, 2017. v. 2.

FOSTER, Benjamin R. **Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature**. Bethesda: CDL Press, 2005.

POZZER, Katia Maria Paim. **Nudez e erotismo na antiga Mesopotâmia**.

Phoênix, v. 26, n. 2, 2020.

POZZER, Katia Maria Paim. **Mesopotamian cylinder seals: an epigraphic study.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 10, 2000. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2000.109383>

POZZER, Katia Maria Paim. **Rituais apotropaicos mesopotâmicos.** In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 36., 2016, Campinas. *Anais...* Campinas: CBHA, 2016. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/1_katia%20pozzer.pdf

SCOTT, Joan. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis.** American Historical Review, v. 91, n. 5, 1986.

SILVA, Simone Silva da. **Deuses e símbolos na Mesopotâmia.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Luterana do Brasil, 2011.

THE NEO-ASSYRIAN TEXT CORPUS PROJECT. *Assyrian English Dictionary.* Helsinki: University of Helsinki, 2007.